

**A QUESTÃO DO ALOJAMENTO:
O CASO DOS “TRECHEIROS” DO PROCESSO DE
VERTICALIZAÇÃO RESIDENCIAL NO BAIRRO DA GLEBA
PALHANO EM LONDRINA-PR¹**

**THE ACOMMODATION QUESTION:
THE CASE OF “TRECHEIROS” OF THE RESIDENTIAL
VERTICALIZATION PROCESS IN THE NEIGHBORHOOD
GLEBA PALHANO IN LONDRINA-PR**

**CUESTIÓN DE LA HABITACIÓN:
EL CASO DE LOS “TRECHEIROS” EN EL PROCESO DE
VERTICALIZACIÓN EN EL BARRIO GLEBA PALHANO EM
LONDRINA-PR**

Artur Boligian Neto²
arturboligian@gmail.com

Edilson Luis Oliveira³
edilson@uel.br

Que trilha é essa na qual, ao me procurar, acabo me perdendo? Que cortina é essa que me separa de mim mesmo sob pretexto de me proteger? E como me reencontrar nesses fragmentos desintegrados que me compõem? Avanço a uma terrível incerteza de que um dia eu consiga me apoderar de mim. Tudo se passa como se os meus passos me precedessem, como se pensamentos e afetos se seguissem os contornos de uma paisagem mental que eles pensam criar, e que absurda quanto se inscreve na racionalidade do mundo e parece incontestável - coage a saltar sem parar para atingir um solo que os meus pés nunca abandonaram. E com esse salto inútil em direção a mim, só o que consigo é que o meu presente seja tirado de mim: a maior parte do tempo eu vivo afastado daquilo que sou, ao ritmo do tempo morto..."

Raoul Vaneigem, 2002.

¹ Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq pelo apoio a pesquisa em desenvolvimento.

² Graduando do curso de Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

³ Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor adjunto do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina (UEL), onde leciona nos cursos de graduação.

RESUMO: O alojamento é uma das ferramentas imprescindíveis que acompanha o capital produtivo da construção civil na produção do espaço. Junto a essa ferramenta, há uma (i)mobilização espacial de uma força de trabalho que se desloca com o movimento deste capital particular. Estes trabalhadores são chamados como “trecheiros”. O presente artigo busca problematizar a maneira como o alojamento é utilizado por uma grande empresa no processo de verticalização residencial do bairro da Gleba Palhano em Londrina-PR para exploração e dominação sobre os “trecheiros”. E também, evidenciar os impactos dessa ferramenta no controle da reprodução do trabalhador.

PALAVRAS-CHAVES: Alojamento. Verticalização. Trecheiros. Produção do espaço. Mobilidade do trabalho.

RESUMEN: La habitación es una de las herramientas esenciales que acompaña a lo capital productivo de la construcción civil en la producción del espacio. Junto con esta herramienta, hay una (i)mobilización espacial de una fuerza de trabajo que se mueve con el movimiento de este capital en particular. Estos trabajadores son llamados como "trecheiros". Este artículo pretende analizar cómo la habitación es utilizado por una gran empresa en el proceso de verticalización barrio residencial de la Gleba Palhano en Londrina para la explotación y la dominación sobre los "trecheiros". También, mostrar el impacto de esta herramienta en el control reproducción del trabajador.

PALABRAS CLAVE: Habitación. Verticalización. Trecheiros. Producción del espacio. Movilidad laboral.

ABSTRACT: The accommodation is an essential tool that follows the productive capital of civil construction in the production of space. Herein with this tool, there is a spatial (i)mobiliation of a workforce that moves with the movement of this particular capital. These labors are called “trecheiros”. This paper aims to discuss the way in which the accommodation is used by a large company in the residential verticalization process in the neighborhood Gleba Palhano in Londrina-PR for exploitation and domination over the “trecheiros”. Also, it shows the impact of this tool in control worker reproduction.

KEYWORDS: Accommodation. Verticalization. Trecheiros. Production of space. Mobility of work.

INTRODUÇÃO

O artigo tem como objetivo discutir a viabilização de determinadas relações sociais de produção intrinsecamente ligadas ao processo de verticalização residencial do bairro da Gleba Palhano, localizado no quadrante sudoeste de Londrina-PR e abordar também os aspectos do processo de produção do espaço urbano da cidade subsumidos na dinâmica de sua paisagem.

A análise dessa viabilização tem como foco a permanência de uma forma espacial específica, integrante temporária da paisagem da Gleba Palhano: o alojamento de trabalhadores da construção civil que atuam na produção de edifícios verticais. A partir de uma breve descrição do modo como uma grande empresa do setor de edificações residenciais utiliza o alojamento, localizando-o nas proximidades de seus canteiros de obras, busca-se evidenciar certas articulações entre a efetivação da divisão social, técnica e

territorial do trabalho inerente à produção do meio construído na cidade e a reprodução precarizada da vida dos “trecheiros” no contexto da exploração capitalista do trabalho.

Na primeira parte do trabalho o intuito é apresentar a questão do alojamento dos trabalhadores e o modo como ele se insere na divisão técnica e espacial do trabalho promovida pela empresa. De acordo com Spolle (2001), nas grandes metrópoles, a partir de meados dos anos 1990, os alojamentos deixaram de ser utilizados por empresas da construção civil, especialmente as que atuam no segmento da edificação residencial. Contudo, em cidades como Londrina, essa forma espacial permanece sendo utilizada pelas empresas construtoras e se constitui em elemento importante no processo de exploração do trabalho e obtenção de mais-valia no contexto da produção de edifícios verticais residenciais. A segunda parte do trabalho aborda os desdobramentos dessa estratégia da grande empresa sobre a reprodução dos trabalhadores.

Londrina tem como um de seus aspectos marcantes a paisagem urbana verticalizada. Fundada 1934, o processo de verticalização teve início dos anos de 1950. O fato da verticalização ser recente, e ter se desenvolvido de maneira agressiva em Londrina, mostra como o processo de modernização se instalou com forte intensidade na cidade. Não cabe a este artigo problematizar a respeito da historicidade do processo de verticalização e seus impactos sobre a cidade. O objetivo é apresentar e problematizar a reprodução de relações sociais diretamente ligadas à produção do espaço do bairro Gleba Palhano, apresentando como o instrumento alojamento e o trabalhador são inseridos nesse processo.

A intenção é buscar um aprofundamento da análise do processo de produção daquele bairro através do setor da Construção de Edifícios (um sub-setor da Construção Civil) focando as relações sociais de produção e seus desdobramentos sobre a reprodução da vida desses trabalhadores como elementos fundamentais da constituição da paisagem verticalizada da Gleba Palhano. Entende-se necessário para a análise discutir a paisagem como ponto de partida da reflexão geográfica. Através do objeto já materializado no espaço não é possível evidenciar uma parte fundamental de sua constituição e, portanto, de seu significado, a não ser por uma pesquisa que vá penetrar a opacidade desse aspecto concreto do espaço urbano que é a paisagem da cidade, pois esta esconde em si mesma o processo que a constituiu.

Para uma metodologia coerente com esses objetivos, optou-se em destacar e analisar os relatos dos trabalhadores que residem em um alojamento provido pela empresa

que estamos estudando nesse artigo. Esses relatos trazem à luz fragmentos de compreensão e de vivência que evidenciam detalhes que permitem uma análise mais acurada do movimento do conteúdo social que originou essa determinada paisagem e sua forma particular. Ressalta-se ainda, em termos metodológicos, que a percepção em si mesma, da paisagem pela paisagem, não revela toda a complexidade das interações sociais inerentes à produção do espaço urbano e, portanto, toma-se a paisagem como elemento concreto da reflexão que pretende voltar à ela como concreto pensado (KOSIK, 2002). A paisagem, certo, não é muda, mas a percepção que temos dela está longe de abarcar o objeto em sua realidade profunda (SANTOS, 2012).

Tomamos como objeto inicial de investigação a paisagem da Gleba Palhano, que é uma das áreas configuradas de Londrina que a partir do início do século XXI passou a ser caracterizada por um grau elevado de concentração de edifícios verticais (FRESCA; OLIVEIRA, 2015), definidos por lei como aqueles edifícios com mais de quatro andares e com elevador. Essa concentração da verticalização residencial no bairro implicou na valorização diferencial desse espaço urbano.

Foram entrevistados nos canteiros de obras nove trabalhadores de uma grande empresa de capital com origem local. Esta empresa produz prioritariamente para “os segmentos de consumidores de renda média alta e rendas elevadas, o chamado segmento de luxo no contexto regional e atua principalmente no bairro da Gleba Palhano (FRESCA; OLIVEIRA, 2015).”

Os trabalhadores entrevistados são os “trecheiros”, aqueles que circulam o país todo como mercadoria a ser consumida no processo de produção da construção civil. Esses locais de produção são chamados de “trechos” da construção civil, e quem percorre nesse trabalho são os “trecheiros”. A cada doze dias eles retornam para suas moradias fixas em suas respectivas cidades de origem. Em Londrina, eles ficam em alojamentos providos pela empresa que se encontram a 100 metros de distância do lugar de trabalho, e aproximadamente a 4 quilômetros do centro de decisão da empresa.

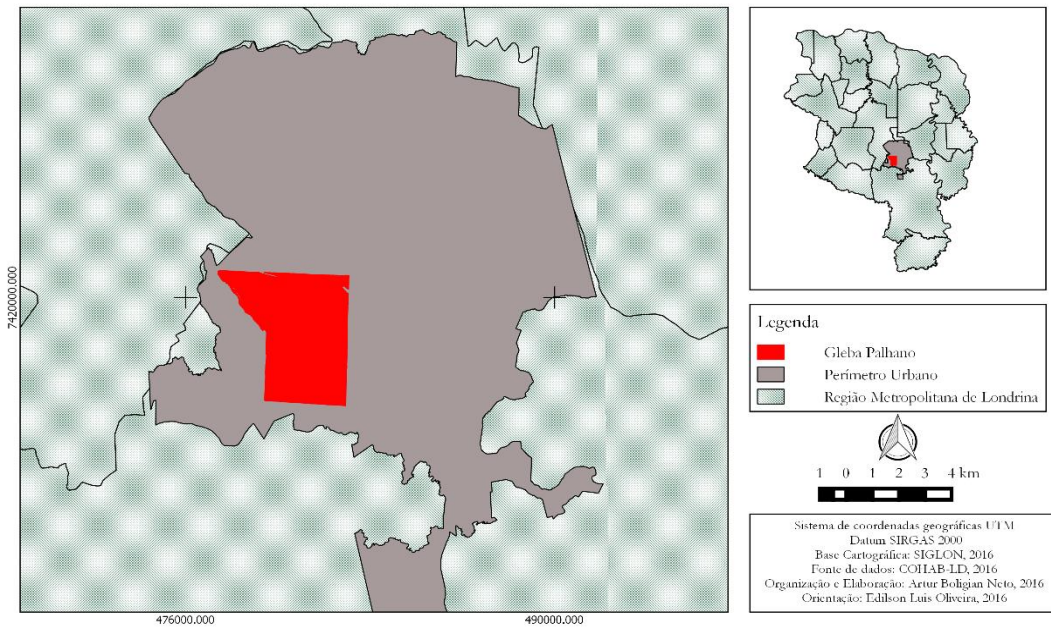


Figura 1: Mapa da localização do Bairro da Gleba Palhano no Município de Londrina/PR, 2016.

Para decifrar a produção cidade, é preciso propor as seguintes perguntas: quem são os trabalhadores que fazem parte do processo de verticalização? Como eles se relacionam como o espaço que produzem? Em quais condições participam desse processo produtivo? Qual é o papel do alojamento nesse processo? E quais são os desdobramentos dessa atividade produtiva em suas respectivas reproduções? Pois, quem se refere à produção (no sentido estrito da palavra) às condições e bases materiais da sociedade, necessariamente se refere também à reprodução, pois ambas são simultaneamente físicas e sociais:

(...) reprodução do modo de vida. A maneira pela qual se manifesta a vida dos indivíduos reflete com grande exatidão o que eles são. O que eles são coincide assim com a sua produção, quer com o que produzem quer com a maneira por que o produzem (LEFEBVRE, 1972, p.39).

Portanto, apreender a produção da cidade não apenas como uma sobreposição de objetos por objetos é buscar compreendê-la como produção e reprodução empreendida por seres humanos.

A QUESTÃO DO ALOJAMENTO

Em trabalho de campo nos canteiros de obras, nos deparamos com aqueles trabalhadores da construção civil que são considerados “trecheiros”. Em sua maioria, esses trabalhadores são originários do estado São Paulo e, em segundo lugar, do estado do Paraná. A expressão “*são originários*” designa, nesse caso, o local em que esses trabalhadores

possuem residência fixa e onde se encontram seus familiares mais próximos e, além disso, é o local com o qual possuem outros tipos de vínculos e laços afetivos. Nenhum deles tem residência fixa em Londrina, isto é, nenhum deles mora na cidade cujo meio construído ajudam a produzir.

Com propósito metodológico, resolvemos focar nos trabalhadores que participam da construção de edifícios, pois a verticalização residencial tem uma representatividade quantitativa no bairro em questão. A empresa para qual eles trabalham disponibiliza alojamentos a menos 100 metros de distância do local de trabalho. Então, há proximidade entre o espaço de produção e o local de reprodução cotidiana do trabalhador, entendido aqui como sua moradia temporária.

Tomamos aqui três locais (mapa 3) que compõem a produção de edifícios residenciais, em específico da empresa: local de produção, ou de trabalho; local de reprodução dos trabalhadores, o alojamento; e o local de gestão da empresa, o centro de decisão.

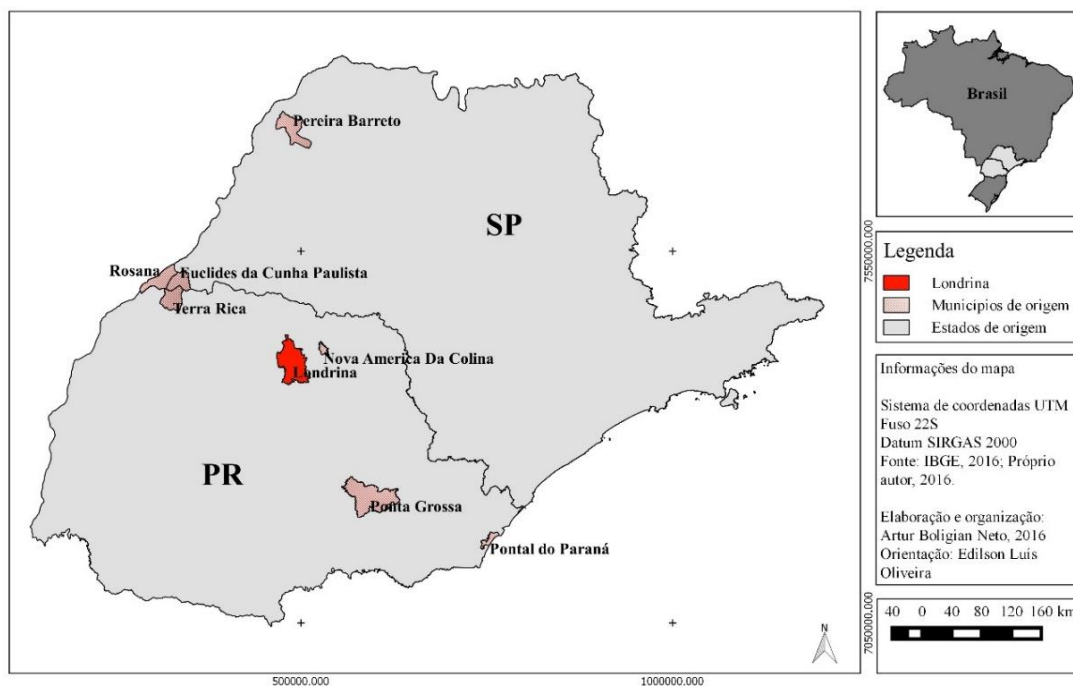


Figura 2: Mapa dos municípios de origem dos trabalhadores entrevistados, 2016.

Um primeiro fato a ser destacado é o centro de decisão da empresa. O local onde o capital abriga aqueles que desempenham o papel de gerenciamento das obras e de comando, ou seja, aqueles que representam na divisão técnica do trabalho os trabalhadores intelectuais, responsáveis por tomar as decisões do processo de verticalização do bairro. A

localização do centro de decisão é de aproximadamente dois quilômetros de distância das obras em construção e do alojamento.

Mediante a entrevista, uma exposição interessante a partir das respostas dos operários foi apresentada. De acordo com a pergunta “Qual sua relação com o seu patrão?”, obtivemos as seguintes repostas dos trabalhadores:

F2: “O patrão mesmo a gente nunca nem vê, né?! Ele só aparece de visita na obra aqui fora. Mas com o encarregado, administrativo”

J7: “Rapaz, é raro nós vê ele hein... Vê uma vez na vida e outra na morte. É raro de ver ele.”

M9: “Rapaz, eu só ouço falar o nome dele, (...). Nunca vi na minha vida. Vi duas vezes na minha vida. Uma vez em Costa Rica e... Minas Gerais. Só. Nunca mais vi. Eu vejo, que é encarregado, mestre de obra, é...engenheiro, contra-mestre.”

Nota-se que, por mais relativa que seja a proximidade entre o local de atuação dos trabalhadores e o local de gestão da empresa, a distância é de aproximadamente 2 Km, o centro de decisão é aparentemente distante do espaço de trabalho dos trabalhadores, mesmo estes sendo dependentes dele. Com base nessas declarações, toma-se o capital imobiliário investido na verticalização como um elemento estruturante da divisão territorial do trabalho que compõe a cidade e a reprodução dos trabalhadores que a produzem. Portanto é através do local de gestão da empresa que as decisões dos gestores e técnicos se traduzem em ordens para a execução do processo de produção no canteiro de obras, ou seja, isso se reflete na maneira/modo como os trabalhadores executarão construção dos edifícios residenciais.

Esses elementos da divisão técnica que emitem as ordens de serviço são ausentes em relação ao local de trabalho, mas, ao mesmo tempo, se fazem presentes por meio da cadeia de comando que controla a atividade concreta dos produtores diretos. Ausentes para os trabalhadores no sentido daquilo que é aparente e acessível aos sentidos, ou seja, ausentes de forma empírica, são simultaneamente presentes de forma abstrata na divisão técnica inerente ao processo de trabalho e às relações sociais de produção tecidas na edificação residencial.

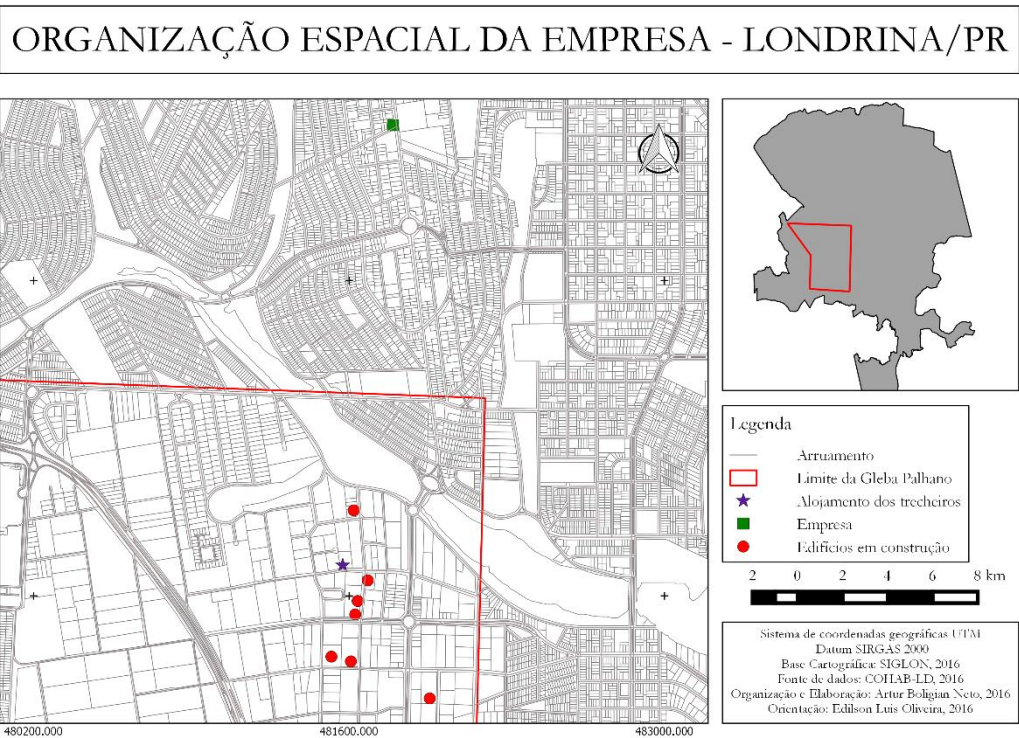


Figura 3: Mapa da organização espacial da empresa, 2016.

O segundo fator a ser evidenciado é a proximidade do alojamento dos trabalhadores que participam do processo de produção de edifícios residenciais na Gleba Palhano com o seu local de produção. O alojamento tem aproximadamente 100 trabalhadores com origens distintas que constituem apenas uma parcela do conjunto da força de trabalho necessária à construção de edifícios. Os edifícios em construção, tal como demonstrado no mapa 2, se encontram em um raio de aproximadamente 100 metros do alojamento, ou seja, local de reprodução desses trabalhadores, que mais adiante iremos desenvolver, se confunde com o local de produção, implicando de certa forma da vida destes trabalhadores em detrimento da acumulação de capital.

Analisando a maneira pela qual a empresa se organiza espacialmente através da localização/distribuição de seus locais de produção e de reprodução dos trabalhadores, observa-se que se trata de uma estratégia dela deslocar o trabalhador de sua cidade de origem para que permaneça próximo ao local de produção. Por meio dessa estratégia, a empresa minimiza o esforço dos operários e o desgaste físico decorrente de seu deslocamento pendular diário entre local de residência e de trabalho. Dessa forma, em uma atividade em que o emprego de força física muscular ainda é significativo, tende-se a um melhor aproveitamento em termos de máximo de rendimento que a força de trabalho, entendida aqui como capacidade individual que resulta em atividade conjunta do grupo de

trabalhadores pode oferecer. Em termos teóricos pode-se dizer que, em comparação com outros capitais particulares do setor industrial, a construção civil em geral é marcada por uma relativamente baixa composição orgânica de capital. Em outras palavras, ela tende a uma composição de capital na qual há uma maior participação percentual de capital variável em relação ao capital constante, especialmente nas atividades realizadas no canteiro de obras. Isso se reflete na parcela do processo de trabalho de edificação, onde as modernizações tecnológicas, qualitativamente, não são tão profícuas em relação ao investimento quantitativo em força de trabalho que realiza atividades pouco mecanizadas.

Nesse caso, a força de trabalho neste setor demanda ser “estrangeira”, uma vez que assim se pode mais facilmente controlar seu processo de reprodução imediata e o ritmo da sua produtividade por meio da redução de seus deslocamentos pendulares durante os ciclos de produção dos edifícios.

Outro aspecto a ressaltar é que, por meio do alojamento, reforça-se a tendência de obter dessa força de trabalho arregimentada e disponível maior flexibilidade em relação ao aumento de jornada de trabalho nos casos em que a construção de edifícios assim o exigir. Isso pode ocorrer pela necessidade de cumprir prazos de entrega, para aproveitar condições favoráveis à aceleração das obras ou ainda por outras razões fortuitas decorrentes da dinâmica do mercado e até mesmo de condições climáticas que podem afetar certas etapas da construção.

Em síntese, observa-se que a permanência do alojamento como estratégia empresarial está ligada a disponibilidade de contratação de uma parcela da força de trabalho total empregada na edificação residencial que é arregimentada alhures, porque essa força de trabalho tende à subsunção formal do trabalho ao capital investido da produção do espaço urbano. Nesse sentido, o emprego da força de trabalho na construção de edifícios residenciais em Londrina tende a ser mais flexível.

De acordo com Spolle (1991, p.38-39) partindo da perspectiva da “mobilidade do trabalho” proposta por Jean Paul Gaudemar (1977), a empresa tira proveito do alojamento pois;

(...) o trabalhador é mobilizado por toda a cidade conjuntamente com o canteiro de obras. Esta unidade produtiva é montada e remontada cada vez que a mercadoria é entregue ou edificada, e o operário se desloca se mobilizando, no sentido geográfico. Esse movimento se dá devido inicialmente, a utilização do alojamento que, dialeticamente, imobiliza o

trabalhador como parte integrante do canteiro. Este caráter da mobilidade do trabalhador da construção civil sempre foi muito importante para o processo de acumulação do setor, e nesse ponto o alojamento é de vital importância, pois é o dispositivo que garante essa “mobilidade imóvel”.

Através da “mobilidade forçada”, o trabalhador é obrigado de sua cidade de origem para permanecer durante doze dias próximo ao seu local de trabalho. É uma mobilidade pois há esse deslocamento espacial entre o espaço da produção e de seu local de moradia. Além disso, exige a adaptação do trabalhador a variações da jornada de trabalho e a sujeição a divisão do trabalho. Porém, ao ser deslocada para o posto de trabalho ela se torna imóvel pois o trabalhador se torna um apêndice da obra em construção pois sua moradia temporária fica intimamente relacionada ao seu local de trabalho, de maneira que a empresa possa extrair o máximo de mais-valia através do rendimento máximo do operário. Além disso, ainda destaca Spolle, "o alojamento é um instrumento de moradia usado pelo setor para tornar mais atrativa a vinda do migrante para metrópole." O alojamento é o ponto de entrada do migrante/"estrangeiro" na cidade ao irá participar no processo produtivo.

Destacamos que a ordem da divisão territorial do trabalho do capital imobiliário que seque se impõe na dimensão espacial da reprodução dos trabalhadores exerce uma racionalidade. O capital investido na verticalização impõe uma racionalidade que ordene o espaço de tal maneira, que execute uma logística própria no bairro. A intenção da ação capitalista é aglomerar espacialmente o local de reprodução do trabalhador próximo ao local de construção dos edifícios. Não é uma abstração simplista esvaziada de sentido. É uma forma imposta ao conteúdo. Forma advinda da racionalidade capitalista de produtividade para uma absorção máxima de extração de mais-valia. O capital imobiliário executa a uma estratégia específica de subordinação do trabalho ao capital e que se insere na paisagem de forma temporária mas, não obstante, vital para a produção capitalista da cidade. Essa estratégia de classe, define-se como uma “ordem” que é ideológica e se reflete em como a produção do espaço é definida sob os preceitos da divisão técnica, social e territorial do trabalho, esta última compreendida a partir de uma microescala, ou de um olhar sobre a ordem espacial local em que se combinam elementos intraurbanos (bairro e sua paisagem, o alojamento, os estabelecimentos da empresa) e interurbanos os fluxos dos trabalhadores entre seus local de residência fixa e de trabalho).

O espaço é ideológico, e o modo de produzi-lo também o é. Para Lefebvre (2016, p.60), o espaço é:

É uma representação literalmente povoada de ideologia. Existe uma ideologia do espaço. Por quê? Porque esse espaço, que parece homogêneo, que parece dado de uma vez na sua objetividade, na sua forma pura, tal como constatamos, é um produto social. A produção do espaço não pode ser comparada à produção deste ou daquele objeto particular, desta ou daquela mercadoria. Este vincula a grupos particulares que se apropriam do espaço para geri-lo, para explorá-lo.

A estratégia do centro de decisão da empresa tem essa finalidade de apropriação do espaço: ser ausente na aparência e presente na essência. Como já dito, essa questão da empresa de um gerenciamento e organização da logística espacial, parte de uma finalidade de extração de mais-valia da força de trabalho para complementar a (re) produção do capital através da edificação residencial. A estratégia empresarial que reflete na organização da empresa no bairro da Gleba Palhano parte desta orientação. É a racionalidade da empresa que destacamos como uma estratégia de classe.

REFLEXOS DO ALOJAMENTO NA REPRODUÇÃO DOS TRECHEIROS.

A divisão técnica do trabalho da empresa incide no modo em que os trabalhadores se reproduzem. O trabalho no setor da edificação residencial não compromete apenas a reprodução deles na cidade em que eles desempenham sua atividade na produção do espaço, mas também na extensão de suas vidas, na cidade em que eles residem.

A reprodução social em sua totalidade se dá em três esferas: a reprodução da família (escala da habitação, do abrigo, da reprodução biofisiológica); da reprodução da força de trabalho e da reprodução do capital e dos bens de produção. Trabalhando com escala da particularidade da atividade de verticalização residencial do bairro, notamos que esses três momentos se correlacionam envolvendo a vida dos trabalhadores e seu trabalho.

As repostas dos operários a respeito da pergunta “Do que você sente mais falta? ”, foram as seguintes:

A1: Da família, vive no trecho, né...então da família...então, sinto falta...dos filho...

B3: Ah...rapaz...do que eu sinto faz mais...é...que fica longe demais da família. O que eu sinto falta é disso daí, dos neto

E4: Só da família.

F2: (...) mais da família, né, minha família fica pra lá e agente pra cá.

J5: Só da minha família. Com emprego (...), graças a Deus, eu consigo sustentar minha muié, ela não precisa trabaia, sustento ela sozinha. Sobra dinheiro pra gastar, pra beber cachaça, jamel (risadas).

J7: Ah rapaz, o negócio de ficar do lado da família, né.

J8: Rapaz...ah..cara, acho que assim, que eu to numa fase meio difícil da vida, assim que eu sabe...agente pensa muito no dia da manhã, to vivendo na solidão, sei lá, era uma mulher, acho que, uma parceira ai... de verdade, mas ta difícil em cara. Ta difícil arrumar, ta dicifil, muierada ai pra bagunça ta querendo, e muito...pra festa.

Então isso aí é uma coisa que eu penso muito no dia..dia..no dia do amanhã. A solidão pra mim é terrível. Nossa..

M9: Das minina, cara. Nossa senhora... sinto falta de mais rapaz. Foda que tem que trabalha, né. Fazer o que. E os meus filhos também fazem mó falta.

Primeiramente podemos constatar de acordo com as reações dos trecheiros a pergunta, que de imediato, o que os trabalhadores sentem mais falta é a família. Entre oito dos nove entrevistados a menção a distância da família é unanime, através dos relatos de sentir falta dos filhos, dos netos, da mulher. Um único trabalhador elenca que se encontra em solidão por não encontrar uma mulher que contemple seus desejos, é essa a falta que incide sua angustia. Essas respostas caminham veemente na esfera da reprodução da família, na reprodução biofisiológica e do abrigo. Para Lefebvre:

O espaço social contém, ao lhe assinalar os lugares apropriados (mais ou menos), as relações sociais de reprodução, a saber, as relações biofisiológicas entre os sexos, as idades, com a organização específica da família – e as relações de produção, a saber, a divisão do trabalho e sua organização, portanto, as funções sociais hierarquizadas. Esses dois encadeamentos, produção e reprodução, não podem se separar: a divisão do trabalho repercute na família e aí se sustenta; inversamente, a organização familiar interfere na divisão do trabalho; todavia, o espaço social discerne essas atividades para “localizá-las”. Não sem fracassos! (LEFEBVRE, 2006, p.57)

O trabalho no trecho da construção civil assegura essa distância entre suas moradias fixas aonde abrigam suas famílias, e o local de trabalho com o alojamento, a moradia provisória, não permitindo uma proximidade ao qual enquadraria um modo de vida próximo a família, estando eles “pra cá” e a família “pra lá”, a divisão do trabalho se impõe.

O entrave da esfera do trabalho não conseguir assegurar essa proximidade geográfica entre a esfera de reprodução da família, por conta da divisão técnica e social do trabalho, é uma das particularidades que compõe a atividade da edificação residencial em Londrina. A produção do espaço na construção civil tem uma de suas singularidades: essa

força de trabalho que é consumida distante de seu local de origem, implicando na esfera de reprodução da família. A esfera da reprodução da força de trabalho, que no caso analisado se dá no alojamento no bairro da Gleba Palhano tem relação direta com a esfera da família, mas a sucateando.

Outro aspecto a ser ressaltado é a correlação entre a (re)produção de capital através do processo de verticalização e a reprodução da força de trabalho. De acordo com a pergunta “O que você gostaria de fazer aqui em Londrina, mas ainda não fez?” Obtivemos as seguintes respostas:

A1: Na verdade, a gente não tem muito tempo de... quase nada, a gente só trabalha. Mas é ... A gente tem vontade de conhecer mais lugares aqui Londrina... só que o tempo aqui é curto né... focaliza só no trabalho né...não dá tempo pra quase nada. Que nem a gente trabalha no sábado, também até umas hora...daí nas hora de forga a gente quer descansar né, então.. Difícil sai né... não dá tempo, não dá tempo.

E7: Conhecer mais a cidade, conheço pouco. Só o bairro aqui e a represa lá em baixo, porque agente trabaia o dia todo

JP4: O mais longe que fui foi a represa lá embaixo

J3: Rapaz...aqui não tem muita opção, né? Assisti televisão, as vezes vou lá no meu notebook, mexer com alguma coisinha lá, fazer uma planilha, alguma coisinha e tal. Eu não tenho nem vontade de fazer uma academia, de pratica algum tipo de esporte, alguma coisa. Mas nem tem tempo pra isso, nem tem animo pra isso. Chega o cansaço, tomo um banho e ligo a tv mesmo. Assisto a tv

ET8: Aqui em Londrina não posso fala nada. Do alojamento pro mercado, toma uma cerveja ali e volta, esse tipo de coisa.

Em entrevista os trabalhadores relataram que trabalham de segunda a sábado. Aos sábados tem uma carga horária de trabalho reduzida, e folga apenas nos domingos. De acordo com os trabalhadores, o total da jornada semanal de trabalho seria de 55 horas. Isso representa uma intensificação da exploração da força de trabalho através da mais-valia absoluta. Assim, desaparecem os tempos de não-trabalho, não havendo distinção clara entre o tempo de livre e o tempo de produção. O tempo morto (tempo de trabalho) se sobressai ao tempo vivo (tempo de não-trabalho).

Com o desenvolvimento do capitalismo é preciso reconhecer, (...) que não está aprisionado somente o tempo de trabalho - trabalho que se perde como trabalho qualitativo e realização do ser humano, através de sua atividade -; o tempo de não-trabalho sofre mais e mais interferências, da organização da indústria e das estratégias políticas. (DAMIANI, 1995, p.111)

As repostas dos operários mostram que o trabalho interfere e prejudica o tempo de não-trabalho. A reprodução da força de trabalho, uma das três esferas que compõem as relações sociais de produção, se torna precária pela intensidade do trabalho relatada nas respostas. “Na verdade, a gente não tem muito tempo de quase nada, a gente só trabalha.” O trabalho é elencado como o principal fator para que os trabalhadores em seu tempo livre não consigam conhecer a cidade ao qual produzem. Os tornando um estranho na cidade. Segundo eles o trabalho consome sua disposição para praticar outras atividades que não sejam estritamente o próprio trabalho.

A “mobilidade imóvel” através do alojamento torna o trabalhador um apêndice dos canteiros de obra. O trabalhador se torna refém do próprio espaço que produz, o aprisiona no próprio trabalho. As respostas elencam que o que eles conhecem da cidade se restringe ao próprio bairro, isso parte da instrumentalização do alojamento enquanto uma ferramenta de domesticação do trabalhador e de controle social.

A mobilidade do trabalho tende a fazer com que o operário da construção civil, neste caso, o “trecheiro” se mobilize em dois sentidos: a mobilidade espacial entre diferentes cidades e estados acompanhando o movimento do capital da construção civil enquanto ser força de trabalho a ser consumida no processo produtivo; porém essa última mobilidade espacial da força de trabalho tende a ser uma (i) mobilidade do trabalho; e a mobilidade do trabalho em se adaptar a diferentes condições de jornadas de trabalho (GAUDEMAR, 1997).

Além disso, o alojamento é um dos aspectos que elencamos componentes da acumulação de capital, relacionando o capital variável a extração da mais-valia absoluta. A exploração e precarização da força de trabalho através do alojamento como extensão do canteiro de obra implica em uma extração de mais-valia absoluta, pois há um aumento do ritmo de trabalho através de uma intensificação da jornada de trabalho e o processo de produção atinge a esfera de reprodução do trabalhador, a partir do controle e vigilância dele no alojamento, ou seja, uma domesticação da mão-de-obra. De acordo com Spolle:

A instrumentalização do alojamento vai permitir a exploração da força de trabalho, efetivamente através de salários baixos e a domesticação do trabalhador. O compromisso da moradia impede o insurgimento do trabalhador contra as formas de exploração (SPOLLE, 2001, p.21)

O alojamento e o prolongamento da extensão da jornada de trabalho que afetam a reprodução da força de trabalho é uma estratégia de classe, para a extração da mais-valia

absoluta do operário. A repercussão dessa estratégia subordina e domina os três momentos da reprodução do trabalhador: a vida privada, o lazer e o trabalho.

Além da reprodução imediata do trabalhador, o alojamento deve ser considerado funcional à acumulação capitalista não somente porque favorece a extração de mais-valia absoluto no lugar de trabalho, mas também porque seria uma forma de reduzir o custo de reprodução da força de trabalho (que envolveria, por exemplo, o pagamento de salários mais baixos que não considerariam o custo de reprodução da família do trabalhador na cidade de Londrina).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No caso analisado, a grande empresa em questão utiliza o alojamento como uma extensão do canteiro de obra, e se apropria disto através da absorção da mais-valia absoluta através do prolongamento da jornada de trabalho na edificação residencial. Com a extração de mais-valia, o alojamento é uma ferramenta importante para o setor da construção civil acumular capital através da dominação da força de trabalho na produção do espaço urbano.

É de valor para o capital se utilizar dessa ferramenta, pois o trabalhador domesticado através da precarização do tempo de não-trabalho e de sua reprodução bio-fisiológica, ainda o mantém passivo, domesticado, (i)mobilizado, preso ao lugar de produção. É a subsunção formal do trabalhador ao capital.

A divisão técnica do trabalho desenvolvida pela apropriação da empresa sobre o espaço urbano para (re) produção de capital, ordena o alojamento de acordo com seu interesse de arranjo produtivo e logístico com a intenção de garantir maior intensidade e produtividade. A grande empresa, através de sua divisão técnica do trabalho sobre a reprodução particular dos trabalhadores.

A esfera da reprodução biofisiológica é precarizada pela separação entre sua moradia fixa e a moradia provisória, mantendo os trabalhadores distantes de suas famílias, levando a uma degradação da relação do operário com seus laços familiares, como uma estratégia de docilizar seu corpo. Pois, o trabalhador é afastado de todos os laços que o possam identificar com o local ao qual vive.

O alojamento ainda é utilizado como uma ferramenta de extração de mais-valia absoluta que estende a jornada de trabalho do “trecheiro”, o tornando um apêndice da obra. A domesticação do trabalhador através da precarização da reprodução do seu modo

de vida que se dá no espaço de trabalho e não em outro, é uma estratégia de produção que compõe a ordem do capital imobiliário que sujeita e domina a reprodução dos trabalhadores. A sujeição formal do trabalhador ao processo produtivo se estende para sua vida cotidiana.

Na reprodução do modo de vida do trabalhador, o alojamento é a representação de como a divisão territorial e técnica do trabalho se contrapõe e interpõe-se de maneira intensa afetando a reprodução do trabalhador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DAMIANI, Amélia Luisa. **A Cidade (Des)Ordenada e o Cotidiano**. Revista do Departamento de Geografia (USP), São Paulo, v. 9, p. 107-116, 1995.
- FRESCA, Tânia; Oliveira, Edilson. **Sessenta anos de verticalização em Londrina/PR**. Revista da ANPEGE, v.11, p.85-121, 2015.
- GAUDEMAR, Jean Paul. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Lisboa: Editorial Estampa, 1976.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Centauro, 2013.
- LEFEVBRE, Henri. **Espaço e Política: O direito à cidade II**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.
- LEFEVBRE, Henri. **O pensamento marxista e a cidade**. Portugal: Editora Ulisseia, 1972.
- SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Editora EDUSP, 2012.
- SPOLLE, Marcus Vinicius. **O fim do alojamento na construção**. 2001. 84 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2001.
- VANEIGEM, Raoul. **A arte de viver para as novas gerações**. São Paulo: Editora Corad, 2002.
- KAREL, Kosik. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2002.

Submetido em: 30 de janeiro de 2017

Aceito em: 22 de março de 2017